

## NO DESLOCAMENTO DAS LÍNGUAS: PÓETICAS TRANSLINGUAIS E EXTRATERRITORIAIS EM CONTOS DE ESCRITORAS LATINO-AMERICANAS CONTEMPORÂNEAS

**Leticia Pilger da Silva**  
(PRPPG/UFPR - Doutorado)

### INFORMAÇÕES SOBRE OS AUTORES

**Leticia Pilger da Silva** é doutoranda em Estudos Literários pelo Programa de Pós-graduação em Letras na Universidade Federal do Paraná (UFPR), mestre no mesmo programa. E-mail: leticiaspilger@gmail.com

| RESUMO   | ABSTRACT   |
|--|--|
| <p>Um dos pontos em comum de escritores latino-americanos contemporâneos é a presença de deslocamentos territoriais em suas trajetórias de vida, sendo que muitos são migrantes, tanto no eixo Sul Global → Norte Global e Sul Global → Sul Global, o que permite um movimento entre <b>línguas</b> na vida prática que se mostra presente também na construção literária, enquanto poética extraterritorial. A partir dos conceitos de translanguismo literário e escrita exofônica, assim como das poéticas extraterritoriais, analiso neste artigo dois contos traduzidos e publicados na <i>Puñado</i>, revista brasileira de literatura latino-americana contemporânea: a presença da geopolítica do poder entre <b>línguas</b> no enredo de “Água gelada”, da uruguaia Vera Giaconi, e o uso do espanhol na literatura diaspórica de <b>língua</b> inglesa em “Memórias de Sépia”, da portorriquenha Dahlma Llanos-Figueroa. Podemos, a partir da análise, ver que a escrita exofônica oriunda do deslocamento espacial cria uma hibridez linguística e cultural que descentra a identidade e coloca os sujeitos em constante processo de tradução cultural, bem como cria novas dinâmicas territoriais.</p> | <p>A common point among contemporary Latin-American writers is the presence of territorial displacements in their life journeys, regarding many of them are migrants, both from Global South → Global North and Global South → Global South, what allows a displacement of languages in the practical lives that also appears in the literary writing, as extraterritorial poetics. From the concepts of literary translanguism, exophonic writing, and extraterritorial poetics, I aim, in this paper, to analyze, two short stories translated and published in <i>Puñado</i>, a Brazilian magazine of Latin-American contemporary literature: the presence of the geopolitics of powers among languages in the plot of “Água gelada”, by the Uruguayan Vera Giaconi, and the expression of Spanish in the diasporic literature in English in “Memória de Sépia”, by Puerto Rican Dahlma Llanos-Figueroa. The exophonic writing from the spatial displacement thus creates a linguistic and cultural hybridity that decenters identity, puts the subjects in a constant process of cultural translation, and creates new territorial dynamics.</p> |

| PALAVRAS-CHAVE  | KEY-WORDS  |
|---|--|
| Deslocamentos; Poéticas extraterritoriais; Translanguismo; América Latina; Territorialidades. | Replacement; Extraterritorial poetics; Translanguism; Latin America; Territorialities. |

## INTRODUÇÃO

É difícil falar de literatura latino-americana contemporânea sem tratar dos deslocamentos diversos que a perpassam, tanto os territoriais, diaspóricos ou não – tendo em vista a variedade de motivos para mudanças causadas pelas lógicas da dita globalização – quanto os consequentes linguísticos, que são o foco deste artigo. A presença da movimentação das línguas na história do território que é conhecido como América Latina remonta ao início dos registros históricos, no período colonial, na figura da Malinche<sup>1</sup>, mulher indígena do território do México. Ela mediava os contatos culturais para Hernán Cortez por meio da tradução, a partir da qual já foi criada uma hierarquia entre idiomas pela imposição da lógica colonial e do espanhol como o oficial em grande parte do território – o que também ocorre com o português no Brasil, bem como com o francês e o inglês no Caribe. A partir desse dado, já podemos pensar a variedade linguística presente na própria realidade latino-americana por ser um território marcado pela presença de muitas, como sinaliza a linguista mexicana Yasnaya Aguilar Gil (2020), que defende a ideia de que é preciso repensar essa diversidade na região, porque muitos cidadãos são invisibilizados por falarem línguas indígenas não dominantes, em detrimento das impostas colonialmente.

Com o fenômeno conhecido como globalização, que acelerou os movimentos transnacionais, como analisa Mary Louise Pratt (2014), os processos globais são cada vez mais determinados pelas dinâmicas linguísticas, marcando hierarquia entre idiomas, a ponto de causar a ameaça de desaparecimento de vários, o aumento de tradução e interpretação, bem como a propagação do inglês como língua franca. É fato, por exemplo, que os mercados sejam regulados linguisticamente, não só os postos de grandes multinacionais ou a seleção de perfis de profissionais que dominem mais de uma, mas a própria lógica do mercado editorial, a ponto de nos perguntarmos: quais são as línguas mais lidas na literatura? Quais são mais traduzidas? Acerca da tradução no Brasil, a resposta é simples e óbvia, além de que confirma as dinâmicas de poder: o inglês corresponde a mais de 90% das traduções no universo brasileiro (VENUTI, 2019). Dessa forma, como bem pontua a autora, a linguagem é responsável pela continuação – ou

---

<sup>1</sup> Acho importante pontuar que pesquisas atuais estão mudando a leitura da Malinche, ao tirar a histórica leitura dela como traidora e símbolo de inferioridade, para analisá-la como tradutora cultural e representação da hibridação, como fazem Luciana Fonseca, Liliam Silva e Dennys Silva-Reis (2020). Ao ressignificarmos essa figura, tão importante para a construção da tradução e da relação entre línguas na América Latina, estamos também repensando os movimentos entre elas e suas mútuas influências e, conseqüentemente, reavaliando o modo como a tradução foi e é essencial na região.

mesmo o aprofundamento – de antigas trajetórias de dominação colonial e imperial. Em contrapartida, os deslocamentos linguísticos também contribuem para que as ditas identidades nacionais sejam repensadas, porque, conforme explica Mignolo, “uma das armas poderosas para a construção de comunidades imaginadas homogêneas foi a crença numa língua nacional” (MIGNOLO, 2003, p. 299). Hoje, os idiomas não são mais sinônimo de pertencimento a um lugar fixo, mas participam da construção de uma interculturalidade que demanda em todo momento a tradução cultural (HALL, 2005).

A partir disso, neste artigo, proponho a análise de dois contos traduzidos do espanhol e do inglês para o português brasileiro e publicados na *Puñado*<sup>2</sup>, revista brasileira de literatura latino-americana contemporânea. O objetivo é pensar como os movimentos linguísticos se configuram dentro das poéticas extraterritoriais de duas autoras contemporâneas que, em suas trajetórias, se movem territorial e/ou linguisticamente e como tal fato pode ser usado como chave de leitura para seus textos, sem que se caia em uma leitura biografizante. Os contos são: *Água gelada*, da uruguaio-argentina Vera Giacconi, e *Memórias sépia*, da porto-riquenha Dahlma Llanos-Figueroa.

Na próxima seção, serão apresentados os conceitos de literatura exofônica e translanguismo, bem como estratégias de poéticas extraterritoriais. Por meio desse aporte, serão analisados os textos literários, a partir de dois pontos: a construção intercultural e territorial por meio de referências transculturais e linguísticas, e o diálogo entre línguas dentro do texto literário.

## 1 O IR E VIR DAS LÍNGUAS NA LITERATURA

O conceito de literatura exofônica é usado para se referir à obra de escritores que escrevem principalmente quando estão radicados em lugares que não o seu de origem, em línguas que não são as suas maternas, ou seja, nas consideradas “do *outro*”. Contudo, de acordo com Chantal Wright (2010), há um problema nessa concepção, porque elas não pertencem a alguém nem a um território, mas podem ser adotadas – ou, como aponta Mignolo (2003), elas podem ser habitadas e passar a fazer parte da vida de alguém,

---

<sup>2</sup> A *Puñado* é meu objeto de estudo no doutorado e aqui apresento um pequeno recorte da pesquisa. Publicada pela editora independente *Incompleta* desde 2017, com o recorte de escritoras latino-americanas contemporâneas vivas, a publicação conta com sete números, cada uma, em seu caráter de coletânea, com uma temática específica (Exílios, delírios, família, rituais, limbo, jornadas, instinto). Já foram publicados 50 textos, traduzidos do espanhol, do inglês, do francês, além de textos em português, de 47 escritoras oriundas de 23 países latino-americanos. Das autoras publicadas até agora, pelo menos 26 apresentam algum deslocamento territorial em sua trajetória, o que confirma o deslocamento como fato não apenas contemporâneo, mas constituinte da literatura latino-americana.

independentemente de fronteiras, além de serem reestruturadas e ressignificadas, quando faladas e escritas por pessoas com outro materno.

Tal prática é antiquíssima e pode ser vista nos escritores da Antiguidade Clássica que adotaram o latim no Império Romano (KELLMAN, 2019). Contudo, é apenas no mundo moderno, quando se ligaram línguas a territórios, que o viés monolíngue fez com que a fricção de idiomas seja vista com estranheza (STEINER, 1990; MIGNOLO, 2003). Hoje, retomamos o olhar para essa fricção e, segundo Mignolo, “Teorizar línguas dentro de estruturas sociais de dominação é lidar com as condições ‘naturais’ plurilinguais do mundo humano ‘artificialmente’ eliminadas pela ideologia monolingual e a hermenêutica monotópica da modernidade e do nacionalismo.” (MIGNOLO, 2003, p. 303).

No mundo atual, há diversos motivos pelos quais os autores decidem deslocar-se linguisticamente, seja por mudança de país, migração acadêmica ou diaspórica seja para ter mais visibilidade no mercado editorial<sup>3</sup>, considerando as lógicas mercadológicas que pontuei na introdução. As literaturas exofônicas são feitas por meio do translanguismo, termo definido por Kellman (2019) como o processo de escrita em mais de uma língua ou em uma diferente da materna – de forma a marcar o movimento em si, no entre-lugar das palavras, diferente do “exo” do conceito supracitado, que faz com que se coloque no “fora” do pertencimento e na autorização do uso.

Kellman faz uma pergunta no artigo em que constrói um panorama de escritores translanguais, que a meu ver é interessante de recuperar: “Que diferença faz o translanguismo – para o escritor e para o leitor?” (KELLMAN, 2019, p. 343, tradução minha)<sup>4</sup>. Segundo ele, alguns escritores negam a relevância da pergunta, por acreditarem na autenticidade da experiência da leitura, mas, por uma questão geopolítica e por reconhecer a necessidade de pensarmos sobre a colonialidade do poder, defendo que a questão vai além. A recepção dos textos muitas vezes só é possível porque a poética translangual (tanto pela língua na qual está escrito, quanto pela cultura na qual foram primeiramente publicados) permitiu que ele fosse criado e lido por determinadas pessoas, bem como circulasse em instituições que o afirmaram no sistema literário. Por isso, considerando o pensamento decolonial, Mignolo propõe, no lugar de translanguismo, o conceito de “linguajamento”, com a justificativa de que ele afasta

(...) da ideia de que a língua é um fato (isto é, um sistema de regras sintáticas, semânticas e fonéticas), em direção à ideia de que a fala e a escrita são estratégias para orientar e manipular os domínios sociais de interação [...] o linguajamento como prática cultural e luta pelo poder. (MIGNOLO, 2003, p. 309).

<sup>3</sup> Devido a isso, Kellman (2000), em sua análise de escritores translanguais, afirma que hoje os que mais se destacam são os autores de contextos coloniais que adotam as **línguas** europeias como forma de expressão.

<sup>4</sup> No texto de partida: “What does translanguism make – for the writer and for the reader?” (KELLMAN, 2019, p. 343).

Além disso, quando analisamos a obra de escritores que partem de países subalternizados para países dominantes, a escolha de adotar uma língua, mas não se inscrever na norma padrão dela, ou usá-la a partir das estruturas da sua materna, é uma posição política de resistência que mostra que os autores se inserem na lógica do espaço, mas que negam a total assimilação à cultura na qual entraram e a perda da materna. Em outras palavras, nega-se a homogeneização de uma concepção de “universo” e global para apoiar o “diverso” de contextos locais e situados (MIGNOLO, 2003). Além disso, mostra como a “contaminação” corrompe com um ilusório paradigma monolíngue, vide os dominantes geopoliticamente países que usam o inglês – considerada a língua franca contemporânea – nos quais há pouca expressão de tradução (VENUTTI, 2019). Para Bassnet e Triverdi (1999, p. 14), autores translinguais em situações pós-coloniais realizam a subversão das lógicas de dominação ao trazerem “a realidade da diferença, e chamam atenção para a supremacia da língua padrão”<sup>5</sup>.

George Steiner (1990) define como “extraterritoriais” os escritores que adotam outro idioma e propõe que tal deslocamento linguístico, para além de dado biográfico, apareça dentro das obras como recurso estético. Ele exemplifica com Nabokov, cuja obra mostra as influências do russo no inglês em seus textos, ou ainda nas referências anglo-saxãs na obra em espanhol de Jorge Luis Borges. A partir do conceito de extraterritorialidade, expandindo-o para o mundo contemporâneo – marcado pelas diásporas e pelo fenômeno da globalização – Lívia Souza, em sua tese de doutorado *Extraterritorialidade e translinguismo na obra de Junot Díaz Díaz*, aponta três tendências de poéticas extraterritoriais por meio da prática do translinguismo, que são a base para o presente artigo. A primeira estratégia corresponde à reflexão metalinguística, isto é, à tematização do relacionamento entre línguas e da sua aprendizagem dentro da literatura, o que coloca em primeiro plano a tensão da relação de poder entre elas.

A segunda estratégia é o que ela chama de “biblioteca labiríntica”, que, a partir da concepção de língua como cultura e vice-versa, consiste nas referências a elementos de várias tradições que formam as culturas *entre-línguas* dentro de textos por elementos como comidas, costumes, autores e músicos. Já a terceira é a fricção entre elas, quando elas são justapostas, seja por meio da presença de palavras ou estruturas sintáticas de uma na outra. Souza (2018) também aponta que a tradução, além de mediação cultural, é um movimento transcultural e translinguístico dos mais praticados e importantes. Nesse sentido, o papel do tradutor é fundamental ao pensar os contatos linguísticos e culturais quando se pensa nessas três estratégias em textos literários, por ser necessário lidar com a

---

<sup>5</sup> No texto de partida: “writers can bring face to face with the reality of difference, and call into question the supremacy of the standard language”. (BASSNET, TRIVERDI, 1999, p. 14).

heterogeneidade e o movimento dentro de um único texto.

## 2 ENTRE LÍNGUAS E CONTOS

Os dois contos selecionados para análise foram publicados na terceira edição da *Puñado*<sup>6</sup>, cuja temática foi “Família”, que já permite pensarmos o caráter de familiaridade da língua dita como materna, isto é, de uma origem. A partir dessa temática, focando no caráter linguístico, analisarei, em cada um dos contos, a presença das poéticas extraterritoriais propostas por Livia Souza (2018); como ocorre a discussão, em nível ficcional, da hierarquia entre elas; a retomada de referências culturais para marcar a escrita entre-línguas na afirmação dos elementos maternos no texto escrito no idioma adotado, bem como a relação entre linguagem e territorialidade.

### 2.1 A REFLEXÃO METALINGUÍSTICA

O conto *Água gelada* (“*Agua helada*”), da escritora uruguaia Vera Giaconi, que mora desde a infância na Argentina, foi publicado pela primeira vez em *Carne viva* (2011), seu primeiro livro, de 2011, ainda sem tradução no Brasil<sup>7</sup>. Em entrevista para a revista, quando questionada sobre os efeitos do seu deslocamento de países, saindo do Uruguai para a Argentina<sup>8</sup>, ela afirma que a mudança espacial fez com que ela se atentasse “às pequenas diferenças no vocabulário, ou nos giros da nossa linguagem cotidiana que fazem com que uma pessoa pertença a um determinado lugar, ou classe” (GIACONI *apud* PUÑADO, 2018, p. 16). Na mesma entrevista, ela defendeu que a língua, por não ser um disfarce que se possa trocar facilmente, marca a vulnerabilidade das pessoas. Dessa forma, ela é justamente o vestígio que fica quando ocorre a migração, pois, como fala Pratt (2014), é possível trocar roupas, hábitos e até mesmo a religião, mas é impossível vender o idioma ou trocá-lo facilmente:

---

6 A tradução de ambos é de Raquel Dommarco Pedrão. Todas as citações deles retomam as páginas da edição da revista.

7 Apenas seu livro de contos *Entes queridos*, de 2017, foi publicado em nosso país pela editora DBA, em 2021, com tradução de Bruno Cobalchini Mattos.

8 Quanto às diferenças entre variedades do Uruguai e da Argentina (já unidas, apesar das diferenças, no conceito “variedade rioplatense”), pesquisa de Elizabeth García de los Santos (2014) apresenta que, embora falantes uruguaio apontem que são as mais parecidas dentre as variantes do espanhol, há uma distância e até mesmo preconceito linguístico, a ponto de 47% pontuarem a variante argentina quando questionados onde “se habla más ‘incorrectamente’” (SANTOS, 2014, p. 1382). Um detalhe interessante da pesquisa de Santos é o fato de os participantes avaliarem de forma negativa os dialetos fronteiriços, no contato tanto com Argentina ou com Brasil, ou seja, percebe-se a defesa do monolingüismo.

Nenhuma das políticas nacionais sobre línguas do mundo pode conseguir que essas realidades desapareçam. Quando as pessoas se mudam, a língua se muda com elas. A língua é a grande razão de as histórias imperialistas e das diásporas seguirem funcionando na nova ordem mundial. (PRATT, 2014, p. 244) [tradução minha]<sup>9</sup>.

Ela determina a experiência subjetiva ao formar os indivíduos e pode não apenas uni-los, mas também distanciá-los. É o que acontece no conto de Vera Giacconi, *Água gelada*, que apresenta, a partir do foco narrativo em terceira pessoa, uma família composta por Amanda, que é a personagem principal, e suas duas filhas – não somos informados em nenhum momento sobre o local onde vivem, mas sabemos que falam, entre si, o espanhol. No início da narrativa descobrimos que, depois do divórcio dos pais, as filhas passaram a se mostrar desinteressadas por tudo, principalmente pela mãe. Somos informados também que chega a um ponto em que “fazia meses que suas filhas não falavam com ela, nem conversavam entre si quando Amanda estava por perto” (GIACONI, 2018, p. 9). Elas centraram-se nas roupas e na televisão:

Suas duas filhas, por outro lado, estavam com os olhos fixos na tela. Às vezes, Amanda as olhava como se fossem duas caixinhas de pele quente, e gostaria de abrir suas cabeças para saber no que pensavam. Desde o divórcio, as meninas não demonstravam interesse por nada, exceto pela televisão e pelas roupas. A televisão tinha que estar sempre ligada, pregada no canal 57 (o canal de notícias britânico)” (GIACONI, 2018, p. 9).

É importante para a construção da leitura que faço aqui a atenção das meninas estar no canal inglês, porque mostra o caráter imperial da sua difusão e sua onipresença nos meios de comunicação e na cultura de massa como língua internacional (LE BRETON, 2005).

Embora não haja a convivência estrutural dentro do texto – com a ausência de qualquer palavra em inglês, de forma que ele é monolíngue e apresenta apenas a reflexão metalinguística –, o enredo é permeado pelas línguas no processo de falta de comunicação causada pela adoção consciente do idioma estrangeiro pelas filhas, justamente para distanciarem-se da mãe, em um movimento que pode ser considerado a negação da língua materna no movimento pela alienação de si mesmo e da própria identidade, já que as meninas querem aprender inglês para se afastarem das raízes familiares e, como conseguem no final, apagam a mãe. Essa anulação da figura materna ocorre ao

---

<sup>9</sup> No texto de partida: “Ninguna de las políticas nacionales sobre lenguajes del mundo puede lograr que estas realidades se esfumen. Cuando las personas se mudan, el lenguaje se muda con ellas. El lenguaje es la gran razón de que las historias imperialistas y acerca de las diásporas sigan funcionando en el nuevo orden mundial.” (PRATT, 2014, p. 244).

repudiarem sua origem por se desvincularem da expressão materna. Podemos pensar também que o inglês esteja relacionado ao pai – figura que nunca é mencionada no conto, apenas implícita na palavra “divórcio” –, então haveria uma estrutura patriarcal que toma conta de tudo em um processo de alienação que culpa a mãe pela situação em que se encontram. Essa força patriarcal domina o processo de educação cultural das meninas, que a reproduzem na medida em que “maltratam” e negam o elemento feminino, simbolizado pela mãe e pelo seu idioma.

O silêncio é, aos poucos, vocalizado pela língua do outro, pela sua incompreensibilidade, conseqüentemente, apesar da não ocorrência do deslocamento territorial, as personagens saem para fora da própria realidade, como um mover-se sem sair do lugar, porque mudar de língua é também deslocar-se. Podemos, inclusive, dizer que a televisão cumpre, aqui, o papel da mudança do espaço, porque torna o território “alheio” virtualmente acessível, o que possibilita um movimento – a mídia onipresente catalisa as trocas linguísticas para os sujeitos que não emigram (MIGNOLO, 2003). Como elas são crianças, não poderiam sair sem o acompanhamento da mãe para distanciarem-se ao máximo dela, então a virtualidade da comunicação televisiva é uma extraterritorialidade possível para elas, uma vez que “se movem” sem a mãe. Em determinado momento, quando Amanda encosta a orelha na porta do quarto das duas meninas, lemos:

Suas filhas tentavam se comunicar em inglês. Era uma conversa desengonçada, interrompida por perguntas e correções. Amanda não sabia inglês, mas era fácil perceber que entravam num acordo, antecipando o que poderia acontecer no dia seguinte. A mais velha era a que falava mais - achou, inclusive, que estava ficando um pouco autoritária -, e também a que sabia quando abaixar a voz para que Amanda não escutasse nada realmente importante. Uma noite, ouviu-as falar sobre o pai. Amanda entendeu uma só palavra, e já foi demais. (GIACONI, 2018, p. 9-10).

As crianças usam o idioma estrangeiro para impossibilitar que a mãe as entenda. Por mais que o desconheça, Amanda é capaz de entender o conteúdo por apenas algumas palavras, assim como pelo tom, apagando a vontade de continuar na tentativa de compreensão, então o silêncio volta a guiar a vida familiar. O fato de a mãe ser a figura que não o compreende é significativo, porque, de acordo com Mary Louise Pratt (2014), o monolinguismo é uma forma de controlar as mulheres por mantê-las, em contextos migratórios – que não é o caso da personagem do conto –, fora do mercado de trabalho, o que reafirma sua exclusão e o espaço doméstico como feminino. Haveria, nesse caso, a suposta traição de que fala Otmar Ette (2018) quando se adota um idioma estrangeiro: “baseia-se muito mais na apropriação de uma propriedade cultural móvel – precisamente,

de uma determinada língua – como que por meio de um furto, sem estar assegurado por meio de uma genealogia direta, representada simbolicamente pela mãe” (ETTE, 2018, p. 179). A questão vai além de uma expressão estrangeira pelas meninas, porque elas criam, no quarto fechado, um território que poderíamos chamar de “extraterritorialidade simbólica”, termo usado por José Carlos Venâncio (1999), para definir o aprofundamento das diásporas culturais sem deslocamento físico, como analisado por Giddens; para ele, esse movimento reflete a troca desigual entre produções e valores culturais, bem como, por si só, é atravessado pela troca linguística. Também culmina no

preterimento do local em favor do universal. Este universal, pelo seu lado, é muito condicionado pela experiência histórica dos países industrializados do Ocidente e da hegemonia que detiveram e, de certa maneira, continuam a deter, sobre o restante do mundo. (VENÂNCIO, 1999, p. 198-199).

No conto, elas falam apenas em inglês no quarto e já não usam mais a língua materna, isolando cada vez mais a mãe, de modo a criar esse novo território simbólico que inscreve o Ocidente, a metrópole do imperialismo cultural, e subjuga o território físico no qual se vive, em um processo de alienação cultural e familiar.

A língua, nesse sentido, faz um movimento contrário ao da comunicação: silenciar. A presença do inglês, em um conto escrito em espanhol, constrói uma ausência de sentido, pelo fato de o silêncio imperar entre palavras ditas que, contudo, não são compreendidas – nós, como leitores, ficamos também com a incompreensão, já que o narrador se cola à mãe e, assim, não consegue ultrapassar as portas do quarto. Portanto, não penetra o outro idioma.

O endereçamento bilingue, aqui, é simulado em um monolinguismo, porque a convivência entre elas não significa troca, mas hierarquia. A tensão entre mãe e filhas reflete a tensão entre os idiomas, considerando as relações linguísticas de poder, sendo que o poder das crianças se deve justamente por elas poderem entender a mãe (mesmo que escolham ignorá-la, a ponto de construírem uma casa dentro do quarto e saírem do convívio familiar), mas a mãe não consegue compreendê-las, a ponto de ficar à mercê da necessidade de que seja interpelada.

Com isso, podemos pensar a partir da geopolítica linguística, inclusive envolvendo o inglês, que é considerado internacional, porque se usam línguas também para dividir socialmente. Como pergunta em seu ensaio Mary Louise Pratt: quem e como aprende inglês? É necessário ter a condição para se aprender idiomas, porque a mobilidade socioeconômica está diretamente ligada ao acesso a eles. Hoje, como afirma Le Breton (2005) em um texto sobre o percurso histórico da afirmação do inglês, desde a formação do Estado nacional da Inglaterra até a Guerra Fria, a sua geopolítica é tanto externa, considerando a influência internacional dos países que o usam como materno

(principalmente Estados Unidos), quanto interna, considerando a promessa de seu uso assegurar ascensão social.

Também podemos pensar os graus de apagamento, porque o espanhol é apagado pelo inglês nessa dinâmica. Contudo, historicamente, o espanhol foi a razão do desaparecimento de muitas línguas indígenas, o que ameaça a diversidade da região, a exemplificar pela política linguística mexicana que, apesar de existirem mais de 300 no território, preconiza o espanhol como única. Yásnaya Aguiar Gil (2020) relata essa diferença de poder ao relatar que falantes indígenas são solicitados a pararem de falar seus idiomas quando estão em contextos monolíngues do espanhol, enquanto estrangeiros que falam apenas o inglês não recebem o mesmo pedido. Em outras palavras, depende de qual é para que o silêncio seja imposto e sua difusão seja respeitada.

Dessa forma, percebemos a hierarquia linguística, sendo a lógica familiar do conto um espelho e um substrato das dinâmicas entre línguas enquanto instrumentos de poder, porque a mãe fica vulnerável.

No apartamento, a televisão continuava ligada, mas as filhas já não estavam na cozinha. Chamou a mais velha por costume, porque não gostava que estivessem longe da sua vista. Não respondeu. [...] Cinco minutos mais tarde, os bolos estavam a caminho e Amanda voltava ao apartamento com o cheque no bolso da calça jeans. Então descobriu que a televisão já não estava na cozinha. O silêncio era incômodo. Um cabo preto e grosso atravessava o living, cortando-o em duas partes, e entrava no quarto das filhas. Amanda bateu na porta, mas não responderam. [...] Ficou parada junto à porta, em silêncio. Podia ver cada centímetro daquele quarto onde não a deixavam entrar, mas precisava saber onde tinham colocado o aparelho, onde elas estavam sentadas, o quanto o quarto cor-de-rosa das filhas havia mudado com aquela intrusão. (GIACONI, 2018, p. 12-13).

O fato de o inglês ser o intruso representa os movimentos culturais e imperialistas nos quais sociedades colonizadas – como a nossa, brasileira, bem como de outros países latino-americanos – são embasadas. Embora tenha subjogado centenas de línguas, por também ser colonial, o espanhol é colocado em situação subalterna em relação ao inglês, o que mostra o poder de acordo com a situação – apesar de, muito importante mencionar, muitas comunidades migrantes de latinos ocuparem o território estadunidense apenas falando espanhol, a ponto de David Lopez e Vanesa Estrada afirmarem, dada a recorrência de imigrantes do país ao lado, que há “novos ‘pequenos Méxicos” (LOPEZ, ESTRADA, 2005, p. 64) dentro dos Estados Unidos. Contudo, o monolinguismo no país estrangeiro deixa os hispano-falantes reclusos a uma esfera marginalizada da sociedade, muitas vezes sem pleno acesso à direitos ou com sua mobilidade pelos espaços limitada, como Amanda excluída do quarto das filhas preenchido pelo idioma estrangeiro.

Podemos até pensar que, nessa situação, os falantes monolíngues do espanhol podem ficar dependentes da suposta “benevolência” de bilíngues, que instaura mais uma relação de poder, até porque a informação que vem da outra língua pode ser manipulada.

Além disso, as filhas aprendem com a televisão de uma forma repetitiva. Quando Amanda, já perto do final, encosta a orelha na porta do quarto das filhas, depois de descobrir que elas haviam puxado a televisão para seu interior, lemos: “A televisão parecia estar bem do outro lado, bloqueando a passagem. Apoiou uma orelha contra a porta. Escutou a voz da jornalista e suas filhas repetindo cada palavra.” (GIACONI, 2018, P. 14). As duas repetem as palavras, mecanicamente, imitando a jornalista, que está para lá da dimensão delas, que fala, mas não as ouve. Esse repetir é uma alienação em relação ao próprio mundo, porque as crianças não pensam sobre aquela língua, apenas a reproduzem, som a som, para alhear-se ao contexto da mãe e da própria casa – por habitarmos a materna – para adentrarem o mundo alheio. Aos poucos, a voz da jornalista inglesa se torna onipresente na casa, como que ocupando todos os espaços e preenchendo o silêncio da família com sua influência estrangeira.

A negação da mãe na conversa marca, aos poucos, a da própria realidade. Quando aparece na TV a notícia do ataque terrorista em Londres, com dezenas de feridos e mortos, ocorre a seguinte falta de diálogo: “Pensou que faltava realidade naquilo tudo. Amanda disse isso, mas suas filhas a olharam como se não a entendessem; como se fosse ela, e não a âncora do jornal, que falava em outro idioma.” (GIACONI, 2014, p. 11). A reação das filhas, com indiferença, constrói outra realidade que subjuga a própria identidade para alcançar o outro, por meio de uma com mais poder. Aos poucos, enquanto aprendem o inglês, as meninas vão ignorando progressivamente a mãe, a ponto de, no final, irem ao banheiro enquanto Amanda toma banho e não a ouvirem falar que estava ocupado, “sentiu que as filhas não sabiam que estava ali e não queria ser descoberta” (GIACONI, 2018, p. 15).

Ao saírem e deixarem a torneira aberta, o aquecedor caiu e a água gelada que dá título ao texto se derrama sobre o corpo de Amanda, como o balde de água fria que a lembra da própria realidade; ou, ainda, a quentura do que resta do afeto é finalmente extinta pela anulação final da frieza da água causada pelas filhas. E assim acaba o conto: Amanda tomando banho com água gelada. Se antes o quarto parecia ser um território novo, que se revelava impenetrável para a mãe, agora a casa toda se torna um território estranho para a mulher, que é apagada gradualmente e se acaba junto da narrativa. O final do texto em espanhol – o texto de partida para a tradução que usamos como fonte – coincide com o final da mãe e da comunicação por meio dele e tudo que elas representam para as crianças, de modo que o fim do fluxo de palavras é o vencer do silêncio imposto pelo idioma estrangeiro.

Nesse conto, escrito em espanhol, a língua é abordada como tema na construção do silêncio e da falta de comunicação entre os membros da família. A sua migração passa pela tematização, no substrato do conto, da geopolítica linguística, porque a dinâmica familiar é determinada pela escolha da não comunicação e pela negação do próprio contexto devido à influência do inglês.

## 2.2 ESCREVENDO NA LÍNGUA DO OUTRO, QUE TAMBÉM É PRÓPRIA

O conto *Memórias sépia*, da porto-riquenha Dahlma Llanos-Figueroa (1973), foi publicado pela primeira vez em inglês, dividido em duas partes no blog estadunidense *Los Afro-latinos*<sup>10</sup>, em 2017. A escritora, radicada em Nova York desde a infância, escreve em inglês sobre o mundo de Porto Rico e a influência africana tanto na ilha quanto nos Estados Unidos, além de propor temáticas contemporâneas e históricas (como seus dois romances: *Daughters of the stone*, de 2009; e *Woman of Endurance*, de 2022). Fora esse conto, nenhuma obra sua está traduzida para o português brasileiro.

Em relato para a revista *Memorias – Revista Digital de Historia y Arqueologia desde el Caribe Colombiano*, a autora comenta que o processo de se inserir no novo mundo foi dolorido, sendo a língua um dos aspectos determinantes: “Aprendi que minha língua não era boa o suficiente” (LLANOS-FIGUEROA, 2013, p. 1) [tradução minha]<sup>11</sup>. A partir da consciência das imagens dos latinos, mais especificamente dos porto-riquenhos, como distorcidas, ela relata escrever para afirmar o espaço público que foi negado a seus ancestrais, tanto pela história, pelo acesso à educação, quanto pelo idioma.

Considerando os deslocamentos presentes em sua vida, a escritora afirma se considerar um “híbrido” que vive em um mundo bicultural e bilíngue, posição que afirma ser “desconfortável, mas também é extremamente enriquecedora. Eu me defino como uma “novarriquenha”, no melhor sentido da palavra.” (LLANOS-FIGUEROA apud PUÑADO, 2018, p. 53), o que permite falarmos que o conto é, também, um híbrido dentro do movimento linguístico.

Na entrevista para a *Puñado*, ao ser questionada por Tatiana Faria sobre o grande apelo sensorial na sua obra, Llanos-Figueroa comenta que tal característica se deve ao fato de que ela escreve sobre um tempo e uma cultura desconhecida por parte de seu público-leitor, composto principalmente de falantes monolíngues do inglês, por isso apresenta com o máximo de detalhes o texto. Além disso, comenta que a língua é muito importante

---

<sup>10</sup> O conto pode ser lido na íntegra nos seguintes links: Parte 1 - [losafrolatinos.com/2017/07/11/sepia-memories-part-i/](https://losafrolatinos.com/2017/07/11/sepia-memories-part-i/); Parte 2 - [losafrolatinos.com/2017/07/14/sepia-memories-part-ii/](https://losafrolatinos.com/2017/07/14/sepia-memories-part-ii/) (acesso em: 20 jan. 2023). [losafrolatinos.com/2017/07/14/sepia-memories-part-ii/](https://losafrolatinos.com/2017/07/14/sepia-memories-part-ii/)

<sup>11</sup> No texto de partida: “I learned that my language was not good enough.” (LLANOS-FIGUEROA, 2013, p. 1).

para ela, por escrever sobre um contexto diferente do que escolheu para sua escrita literária, mas que se nega a traduzir dentro de um conto ou romance, então mantém as palavras em espanhol quando sente que elas dão autenticidade para o material, e é justamente esse o aspecto que analisarei aqui.

Embora Llanos-Figueroa não comente os motivos que a levaram a usar o inglês ao invés do espanhol, podemos pensar que essa escolha no território estadunidense, de acordo com Lourdes Torres (2007), reflete o contexto da educação formal, pautada no monolingüismo, e do mercado literário, que prioriza as publicações no idioma dominante do país. Assim, podemos especular que Llanos-Figueroa decide pelo inglês tanto por questões mercadológicas, considerando não só a localização da autora, mas também a instituição da “literatura mundial” como dirigida ao consumo, quanto pela acessibilidade de seus textos para o público-leitor, já que ela deixa explícito pensar nos leitores ao planejar sua escrita. Uma leitura possível feita por Chantal Wright (2010) de textos exofônicos é o mito de que as línguas pertencem a alguém e a um território, como se fossem alheias as quem as adota, o que nos permite pensar que a escolha pelo inglês também mostra a identidade bilingue e bicultural da autora, que se movimenta entre elas.

O conto “Memórias sépia”, quando consideramos as poéticas translinguais, apresenta a estratégia da biblioteca labiríntica, porque é escrito em inglês, mas carrega, em todo momento, o mundo em espanhol, seja pelas referências ou por palavras, logo, podemos nos perguntar: qual é a língua materna do texto cujos personagens falam espanhol, mas está escrito em inglês? Em primeira pessoa, a narrativa centra-se nas memórias de Carisa, uma menina descendente de porto-riquenhos que vive no Bronx durante a década de 1950. É possível pensar no caráter autobiográfico da narrativa, considerando que foi publicada uma foto da autora quando criança junto do texto. Ao longo do conto, temos contato com o cotidiano de Carisa, que é recheado de hispanidade nas referências. Ao descrever sua mãe, há uma mistura de referências estadunidenses e latinas, bem como os nomes latinos que perpassam o texto, o que reafirma a hibridação cultural marcada pela diáspora<sup>12</sup>:

Ela era uma Jayne Mansfield cor de caramelo, os cabelos penteados caindo suavemente para um dos lados, sustentados por grampos de strass, cachos em cascata sobre o ombro direito. Eu me lembro dela dançando *boleros* intensos e *merengues* sensuais com o meu pai nas festas de família. Às vezes, quando a festa estava no auge, meu pai me deixava dançar sobre os seus pés. [...] (LLANOS-FIGUEROA, 2018, p. 39).

É interessante ver o movimento de referências entre culturas. No trecho acima, Janey

---

<sup>12</sup> Recomendo, como leitura teórica para aprofundar a relação entre o conceito de hibridismo e de diáspora, a leitura de Gilroy (2001) e Hall (2003).

Mansfield, uma atriz estadunidense dos anos 1950, não apenas marca temporalmente a narração, mas é transformada em um elemento híbrido culturalmente, por ser recuperada junto do bolero, assim os leitores são convidados a ver a atriz dançando ao ritmo latino, o que mostra a conjunção de referências da autora e seu ir e vir entre culturas.

Em alguns momentos, a mistura de elementos surge até de forma que parece arbitrária, como ocorre em um relato de férias de verão, quando a narradora comenta das comidas de uma lanchonete:

No verão, passávamos dias intermináveis em Orchard Beach e fazíamos incontáveis viagens ao Johnny's Reef em City Island. O Johnny's ficava à beira da água, um restaurante de frutos do mar com jeito de cafeteria e uma grande área externa, onde as famílias pobres do Bronx se empanturravam de camarões e batatas fritas ou *calamares*. (LLANOS-FIGUEROA, 2018, p. 41).

In the summer, we spent endless days at Orchard Beach and made countless trips to *Johnny's Reef* on City Island. *Johnny's* sat out on the water's edge, an indoor cafeteria style seafood joint with a big outdoor seating area where poor Bronx families would fill up on fried shrimp and fries or *calamares fritos*. (LLANOS-FIGUEROA, 2017, s./p.).

Aparecem lulas em espanhol, depois de camarões e batatas em inglês. Por que motivo apenas uma palavra apareceu em espanhol? Seria uma escolha semelhante ao que Venuti, sobre tradução – que não é de fato o que acontece aqui, embora a analogia seja válida –, chama de um resíduo, isto é, o resto que permanece no processo tradutório. Nesse caso, é a cultura materna que resiste. Contudo, no lugar de se traduzir um texto e deixar marcas no léxico ou até mesmo na sintaxe, Llanos-Figueroa, no seu processo de tradução cultural, deixa expressões de seu contexto materno em evidência a partir do *code-switching*, como se a latinidade se sobressaísse, ou menos, resistisse ao inglês. Com isso, percebemos uma prática extraterritorial porque a autora coloca Porto Rico dentro de Nova York, como de fato acontece, já que o espanhol é falado por muitas pessoas da cidade estadunidense, a ponto de haver quem diga que o espanhol é uma das línguas do país, como já apresentado antes (LOPEZ, ESTRADA, 2005).

Em um artigo no qual analisa estratégias translinguais de escritores latinos, Lourdes Torres (2006) afirma que o *code-switching* (a incorporação de várias línguas dentro de um mesmo texto) pelos latinos nos Estados Unidos é uma escolha artística com efeito político, porque os escritores latino-americanos verbalizam, dentro do código dominante, a perspectiva de suas comunidades silenciadas, além de relatarem uma realidade, porque existem pessoas que diariamente são perpassadas por mais de uma, até dentro de uma mesma frase. Um movimento político dessa escolha é mostrar como,

diante de um mundo que afirma o monolinguismo, como os Estados Unidos, outros idiomas também vivem no território. A autora também defende que, por meio dessa estratégia, em diferentes níveis, os escritores “negociam o relacionamento deles com a própria terra, idiomas, e identificações transnacionais” (TORRES, 2007, p. 76) [tradução minha]<sup>13</sup>, permitindo diversas leituras e acessibilidade dos textos.

A presença de palavras em espanhol pode significar uma resistência à assimilação do contexto migratório, porque, conseqüentemente, ele e a cultura permanecem, não sendo possível livrar-se delas, até porque nos deslocamentos “sob uma cidade, a outra está sempre presente” (ETTE, 2018, p. 193), o que pressupõe que se implodem as fronteiras para se ter a sobreposição e a mistura de espaços e culturas que compõem a identidade da escritora. Uso, aqui, as palavras de Mignolo, quando analisa a obra de escritores translinguais: “todos estão escrevendo ‘memórias espanholas’ em ‘língua inglesa’ e ao fazê-lo rompem os elos naturais entre língua e território” (MIGNOLO, 2003, p. 3019). Nesse sentido, aqui ocorre um processo diferente daquele que acontece no conto analisado anteriormente, porque, lá, parece haver uma invasão do inglês no espanhol, enquanto, neste, ambos se interpenetram e o processo de “dominação” está na história de vida que faz a migração acontecer.

No entanto, como analisa Torres (2007), apesar de criar um texto étnico, tal estratégia<sup>14</sup> é a mais simples e acaba por priorizar a perspectiva dominante, de modo que os leitores monolíngues pensam estar interagindo com a alteridade, mas seguem confortáveis na sua própria língua. Nesse sentido, é possível argumentar que Llanos-Figueroa, ao usar nomes de comidas e de estilos musicais, acaba por exotizar a cultura porto-riquenha, mas defender com assertividade tal leitura esvazia, a meu ver, a tentativa de misturar as culturas e representar a latinidade dentro da literatura, marcando que o que lemos veio de mentes hispanas, constantemente silenciadas e atacadas nos Estados Unidos, além de retirar o movimento político de lutar contra o monolinguismo do país. A autora, dessa forma, utiliza o inglês como lugar de afirmação do espaço que ocupa nesse território estrangeiro, como quem diz “estamos aqui”, além de ser possível que a escolha se dê também ao pensar naqueles que negam a sua existência, afirmando, na “do outro”, que os imigrantes, tantas vezes apagados e subjugados, também têm subjetividade e agência.

---

<sup>13</sup> No texto de partida: “negotiate their relationships to homelands, languages, and transnational identification.” (TORRES, 2007, p. 76).

<sup>14</sup> Torres (2007) apresenta cinco estratégias: uso de palavras destacadas, sem notas ou explicações, cujo sentido é facilmente identificado pelo contexto, como comidas, lugares e palavras sobre relações familiares; emprego do termo em espanhol seguido da tradução para o inglês no corpo do texto; retomada de palavras sem nenhuma tradução, ou misturas sintáticas entre línguas e traduções traduzidas literal ou figurativamente que necessitam do conhecimento das diferentes idiomas presentes para a compreensão, além do bilinguismo radical com o uso de parágrafos inteiros ou páginas em outra língua, sem tradução.

No último trecho analisado da narrativa, é curioso pensar na tradução também, por vermos, na versão em inglês, “calamares fritos”, ambas em itálico, e a tradutora escolhe tirar a palavra. Hipotetizo que o efeito seria retirado se traduzido ao português, por ser a mesma palavra, então o leitor brasileiro poderia pensar que “fritos” estaria, no texto de partida, em inglês – algo facilmente resolvido com o itálico, que reafirmaria a semelhança das duas línguas dentro da sua diferença. Ou a tradutora escolheu simplesmente não repetir a palavra, já que a batata também era frita em português.

Em outro momento do texto, depois da apresentação do seu cotidiano infantil, Carisa encontra um homem morto no saguão do prédio em que morava, estopim para a mudança na família. Sua mãe queria sair do Bronx e comprar uma casa, para ter um espaço que pudesse chamar de “seu” – o que pode refletir, de maneira mais ampla, a falta de pertencimento naquele país no qual a xenofobia com imigrantes é grande –, enquanto o pai prefere comprar um carro, que vê recorrentemente na vitrine da concessionária quando volta para casa do trabalho. Em uma determinada briga, vemos os ires e vires entre as duas línguas:

“O dinheiro é meu também”, ela salientou, começando a “Ah, agora você vai jogar isso na minha cara...”, começando a perder a calma.

“Pedro, me escuta...”. Ainda tentando ser razoável com ele.

“Se nós não temos dinheiro pra comprar um carro, como vamos comprar uma casa? Além disso, eu fiz planos... compromissos. O que eu vou dizer pros meus *panitas*...”

Foi o suficiente. “*Tus panitas! Que se jodan tus panitas!* Eu não dou a mínima pra sua gente. Onde eles estão quando nós precisamos de ajuda? Meus filhos vêm antes. (LLANOS-FIGUEROA, 2018, p. 44).

Nada surpreendente perceber a situação na qual o espanhol, na condição de materna, é usado: o afeto – mesmo que violento. O uso do inglês nesse momento tiraria a carga emocional da briga, porque na língua estrangeira se mente de forma fácil, enquanto se revela o íntimo na materna, por expressar o desejo e carregar a afetividade (CAVALHEIRO, 2008). A escolha pelo espanhol no contexto mais afetivo, quando o pai retoma a gíria para mencionar seus amigos, seguida da retomada pela mãe das palavras para ofender, também revela que a narradora escolhe manter em espanhol essa parte da conversa dos pais, provavelmente toda nesse idioma, para destacar a maior intensidade da briga, de modo que sai do contexto de palavras comuns para falantes monolíngues do inglês. São pistas que a autora joga para que seus leitores, muitos dos quais provavelmente não falam o castelhano, possam circunscrever a realidade migratória entre línguas e mostrar a dinâmica de viver no entre-lugar<sup>15</sup> delas.

---

<sup>15</sup> O termo “entre-lugar” é muito caro à perspectiva decolonial, bem como aos estudos que pensam a fronteira e os deslocamentos. Foi primeiramente usado por Silvano Santiago (2000) para se referir à escrita dos latino-americanos

Uma última marca do contexto da cultura materna aparece nas referências musicais. Como manifestação artística, a música é retomada em dois momentos do conto para marcar a sobreposição de espaços e a permanência do contexto inicial, primeiro, de origem. Logo após a briga do casal, a narradora afirma que o silêncio imperou na casa: “Eu me lembro particularmente dos silêncios pesados nas manhãs de domingo, em vez de *Recuerdos del ayer*, a música da Segunda Guerra que normalmente os transportava de volta ao passado espanhol.” (LLANOS-FIGUEROA, 2018, 45). Quero marcar que, no texto em inglês, o final desse trecho apresenta a memória como um espaço: “Spanish Memory Lane” (LLANOS-FIGUEROA, 2017, s./p.), além do verbo “transportava” em inglês estar como “sent” (LLANOS-FIGUEROA, 2017, s./p.), dessa forma, é mantido o movimento. Nesse sentido, a língua, por meio da música, é a mediação entre lugares e marca uma fronteira, um espaço intersticial entre mundo hispano e o inglês, a reativação de um passado em um presente, de forma que não só sobrepõem espaços, mas tempos, na atualização da memória e da afetividade da cultura-língua-mãe.

No final do conto, depois que a mãe vence ao comprar sua tão sonhada casa e o pai repensa a importância da mesma, a narradora e a mãe chegam ao novo lar e descobrem que ele havia arrumado o lar e cozinheiro: “O cheio de pernil e o som de antigas músicas românticas espanholas preenchem o ambiente.” (LLANOS-FIGUEROA, 2018, p. 49). Diferente do conto anterior, no qual a mãe é apagada, na narrativa de Llanos-Figueroa, a figura materna vence, e o pai precisa se organizar para caber nesse mundo da nova casa da família, o que pode ser lido simbolicamente como a potência da língua e cultura materna porto-riquenha, que resiste à lógica da dominação das regras do território alheio que passa a habitar.

Nesse final, novamente a música marca a sobreposição dos espaços e retoma a afetividade da língua materna no ambiente. Contudo, agora, há um novo sentido: um novo lar. A nova casa, aqui, é literal dentro do conto, porque os personagens se mudam para um bairro e uma casa onde não haverá um corpo morto na porta do saguão. No entanto, podemos pensar na afirmação de um novo idioma como um novo lar e na presença da afirmação desse lar com a presença do primeiro, já que é uma vida em inglês marcada pela presença do espanhol a todo o momento, porque a migração e o movimento são porosos e abertos. Assim, além das referências variadas ao contexto hispano, o que marca uma poética translingual, o conto também mostra como uma língua carrega outra (s), bem como marca a sobreposição entre espaços e deslocamentos. Por meio da poética

---

como entre a tradição e a modernidade, entre o clássico e o novo. Aqui, uso o termo para descrever a forma como viver entre línguas é habitar esse espaço no meio, que faz com que as identidades sejam fendidas e móveis. Ele apresenta diversas acepções e conceitos próximos, como *La Frontera*, *in-betweenness*, pensamento liminar (MIGNOLO, 2003, 2007), zona de contato (PRATT, 1999), consciência mestiza (ANZALDÚA, 2007), terceiro espaço (BHABHA, 1998) e caminho do meio (BERND, 2010).

translingual, a autora preenche o espaço da inglesa com vida porto-riquenha para mostrar que essa vida resiste e tem força.

### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim como os deslocamentos fazem parte da vida humana, as línguas também se movem, se misturam e se influenciam. A partir de dois textos publicados na revista brasileira *Puñado* de literatura latino-americana e caribenha contemporânea, o objetivo do texto que se encerra foi percorrer o trabalho de poéticas translinguais na escrita de escritoras extraterritoriais (que viajam ao Brasil pela tradução, em mais um movimento entre idiomas e territórios). Reafirmei, a partir da análise dos contos, a tese de Lívia Souza (2018) de que podemos perceber que a experiência de mobilidade de escritores aparece na escolha de poéticas extraterritoriais em sua obra. Assim, analisei duas possibilidades de estratégias translinguais: a temática metalinguística e a recuperação de referências culturais.

No conto de Vera Giaconi, originalmente escrito em espanhol, o inglês domina, embora não haja nenhuma palavra nele, e permite que pensemos sobre o poder do silêncio entre idiomas, tendo em vista que, a depender da situação, eles são usados para calar e não comunicar. A partir dessa narrativa, adentramos a estratégia da metalinguagem e, ao tematizar a dinâmica familiar de Amanda e suas filhas, nós temos contato com o caráter imperial do inglês, que se afirma ao calar outros – da mesma forma que o espanhol e o português fizeram na América Latina. Desse modo, li o conto uma alegoria para o acesso à língua inglesa, que, ao aproximar contextos, infelizmente distancia determinados públicos ao silenciá-los, como fazem as filhas com Amanda. Também destaco o fato de haver o apagamento da mãe pela negação da identidade materna, em um processo de alienação que reproduz o poder patriarcal afirmado na lógica colonial e imperialista e na construção de uma extraterritorialidade simbólica no quarto pela presença da televisão e da fala estrangeira. A mãe, aqui, e conseqüentemente, a língua materna, são apagadas gradualmente em um silenciamento que culmina no fim do conto.

Já no conto de Dahlma Llanos-Figueroa, percebemos a entrada e a potência do espanhol, a língua materna, no texto escrito em inglês, movimento que pode ser lido como a afirmação da cultura porto-riquenha e da latinidade ao se colocar em evidência a diferença cultural para os leitores monolíngues do inglês, embora não apresente dificuldades para aqueles que não compreendem o espanhol, já que o sentido das palavras é facilmente compreendido. Ainda assim, a estratégia é legítima por quebrar a

crença do monolinguismo dos Estados Unidos no qual foi publicado de forma a afirmar a subjetividade dos imigrantes muitas vezes silenciados pelos estadunidenses. Também podemos dizer que, por mais simples que seja unir os dois nesse texto, há uma sobreposição de ambos os territórios (Porto Rico e Estados Unidos), além da mistura entre temporalidades, de modo que o movimento entre eles é bem-sucedido enquanto ato político de mostrar como as fronteiras são borradas de diversas formas. Além disso, diferente do conto de Giacconi, aqui, a língua materna e a mãe vencem, mostrando resistência.

De formas distintas, portanto, os dois contos colocam em tensão o inglês e o espanhol e mostram poéticas extraterritoriais na produção latino-americana contemporânea. Toda a vida é organizada pela dinâmica linguística e o aumento dos deslocamentos faz com que os idiomas conversem e mais, se interpenetrem na vida e na literatura na defesa de uma convivialidade de um mundo que não é “um *uni*-verso, mas um *di-verso global*” (MIGNOLO, 2003, p. 335).

#### 4 REFERÊNCIAS

- AGUILAR GIL, Y. **Ää**: manifiestos sobre la diversidad lingüística. Cidade do México: Almadía Editorial y Bookmate Limited, 2020.
- ANZALDÚA, G. **Borderlands/La frontera**: la nueva mestiza. Trad. Carmen Valle. Madrid: Capitán Swing libros, 2007.
- BASSNETT, S.; TRIVEDI, H. (Orgs). **The postcolonial translation**. London: Routledge, 2002.
- BHABHA, Homi. **O local da cultura**. Trad. Myriam Ávila. Belo Horizonte: UFMG, 1998.
- BERND, Z. **Dicionário de mobilidades culturais**: percursos americanos. Porto Alegre: Lieralis, 2010.
- CAVALHEIRO, A. P. “Que exílio é este, ‘o da Língua Estrangeira’?. In: **Linguagem & Ensino**. v. 11, n. 2. P. 487-503, 2008.
- ETTE, O. **EscreverEntreMundos**: literaturas sem morada fixa (SaberSobreViverII). Trad. Rosani Umbach, Dionei Mathias, Teruco Arimoto Spengler. Curitiba: Editora UFPR, 2018.
- FONSECA, L. C.; SILVA, L. R.; SILVA-REIS, D. Apontamentos basilares para os estudos da tradução feminista na América Latina. **Mutatis Mutandis**. V. 13, n. 2. 2020, p. 210-227.

GIACONI, V. "Água gelada". Trad. Raquel Dommarco Pedrão. In: **Puñado**. V. 3 (Família). 2017, p. 9-15.

GILROY, P. **O Atlântico Negro**. Modernidade e dupla consciência, São Paulo, Rio de Janeiro, 34/Universidade Cândido Mendes – Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2001.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guaracira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

\_\_\_\_\_. **Da Diáspora**. Identidades e Mediações Culturais. Trad. Adelaine La Guardia Resende, Ana Carolina Escosleguy, Cláudia Álvares, Francisco Rudiger e Sayonara Amaral. Belo Horizonte: Ed. UFMG/ Brasília: Representação da Unesco no Brasil, 2003.

KELLMAN, S. "Literary translanguism: what and why?" In: **Polylinguality and Transcultural Practices**. V. 16, n. 3. P. 337-346, 2019.

LE BRETON, J. "Reflexões anglófilas sobre a geopolítica do inglês". In: LACOSTE, Yves; RAJAGOPALAN, Kanavillil. (Org.). **A geopolítica do inglês**. Trad. Marcos Marciolino. São Paulo: Parábola, 2005, p. 12-26.

LLANOS-FIGUEROA, D. "Memórias sépia". Trad. Raquel Dommarco Pedrão. In: **Puñado**. V. 3 (Família). 2017, p. 39-49.

\_\_\_\_\_. What writing means to me. **Memorias** - Revista digital de Historia y Arqueología desde el Caribe colombiano. v. 10, n°21, 2013, p. 1-4.

LOPEZ, D.; ESTRADA, V. "A ameaça hispânica: o espanhol ameaça o inglês dos Estados Unidos?" In: In: LACOSTE, Yves; RAJAGOPALAN, Kanavillil. (Org.). **A geopolítica do inglês**. Trad. Marcos Marciolino. São Paulo: Parábola, 2005, p. 56-64.

MIGNOLO, W. **Histórias locais/projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar**. Trad. Solange Ribeiro de Oliveira. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

\_\_\_\_\_. **La idea de América Latina: la herida colonial y la opción decolonial**. Barcelona: Gedisa, 2007.

PRATT, M. L. Lenguas viajeras: hacia una imaginación geolingüística. **Cuadernos de Literatura**. n. 36, v. XVIII, jun./dez. 2014, p. 238-253.

PRATT, Mary Louise. "A crítica na zona de contato: nação e comunidade fora de foco". **Travessia**:



Revista de literatura, n. 38, p. 7-30, 1999.

SANTIAGO, Silviano. "O entrelugar do discurso latino-americano". In: \_\_\_\_\_. **Uma literatura nos trópicos: ensaios sobre dependência cultural**. Rio de Janeiro: Rocco, 2000, p. 9-26.

SANTOS, E. G. "Actitudes lingüísticas en Uruguay. Tensiones entre la variedad y la identidad". **Bergen Language and Linguistic Studies (BeLLS)**. V. 5, 2014, p.1346-1406.

SOUZA, L. S. **Extraterritorialidade e translinguismo na obra de Junot Díaz**. 2018. Tese (Doutorado) – Letras Neolatinas, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

STEINER, G. **Extraterritorial: a literatura e a revolução da linguagem**. Trad. Júlio Castañon Guimarães. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

TORRES, Lourdes. "In the contact zone: code-switching strategies by Latino/a writers". In: **Melus**. V. 32, n.1., 2007, p. 75-96.

VENÂNCIO, J. C. "Globalização, democratização e facto cultural em Angola: aproximação a uma sociologia do romance angolano". **Africana Studia**. N.1, 1999, p. 193-204.

VENUTI, L. **Escândalos da tradução: por uma ética da diferença**. Trad. Laureano Pelegrin, Lucinéia Marcelino Villela, Marleide Dias Esqueda e Valéria Biondo. São Paulo: Editora Unesp, 2019.

WRIGHT, Chantal. "Exophony and literary translation: What it means for the translator when a writer adopts a new language". **Target**. 22.1 (2010), p. 22-39.

Título em inglês:

**IN THE DISPLACEMENT OF THE LANGUAGES:  
TRANSLINGUAL AND EXTRATERRITORIAL POETICS IN  
SHORT STORIES BY CONTEMPORARY LATIN AMERICAN  
FEMALE WRITERS**